

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

NOTAS

PARA A

HISTORIA DAS RELAÇÕES ENTRE O ORIENTE E O OCCIDENTE

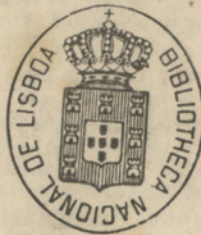
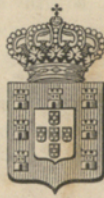
NA ANTIGUIDADE

CONJECTURAS SOBRE ANALOGIAS ENTRE O BUDDHISMO E PHILOSOPHIA GREGA

POR

G. DE VASCONCELLOS ABREU

Bacharel em mathematica, lente de sãoscrito em o Curso Superior de Lettras, socio effectivo da Sociedade de Geographia de Lisboa, etc.



LISBOA

CASA DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA

89, RUA DO ALECRIM, 89

1881

SECRETARÍA DE ECONOMÍA

NOTA

ESTADO DE RECURSOS MATERIALES Y FINANCIEROS AL 31 DE DICIEMBRE DE 1964

ANEXO I

ESTADO DE RECURSOS MATERIALES Y FINANCIEROS AL 31 DE DICIEMBRE DE 1964

DE LOS RECURSOS MATERIALES Y FINANCIEROS

del Estado de Recursos Materiales y Financieros al 31 de Diciembre de 1964



Extrahido do Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa

I

Conjecturas sobre analogias entre o buddhismo e philosophia grega*

A MEU PAE ADOPTIVO O SR. DR. ELIAS JOSÉ DE MORAES

O buddhismo é uma evolução da philosophia hindú conhecida pelo nome de philosophia sánkhya e, de certo modo, devida tambem á philosophia vedánta. A philosophia sánkhya attribue-se a um certo Kapila¹.

Quem fosse Kapila é impossivel dizel-o. Kapila é como Valmiki para o Rámáyana, Homero para a epopea grega, um collector. O que elle collige é por assim dizer anonymo. A philosophia hindú tem este grande valor. O character de anonyma revela a sua primordialidade. Demais os sutras de Kapila são talvez posteriores a Buddha². A antiguidade, porem, da doutrina de Gautama, o Buddha, é incontestavel, e tal como se encontra nas Upanixadas estava já desde o fim do seculo VI antes de Christo, senhora da consciencia geral na India³.

A origem da philosophia hindú, no sentido mais lato, é a especulação intellectual, se não quasi exclusiva da casta guerreira, pelo menos iniciada por ella; e a ella com effeito, mais do que á casta bráhmânica se deve. Digo esse e não casta, porque a classe só passou a casta na India e esta especulação é anterior ás Upanixadas⁴. O characteris-

* Em todo este escripto empregámos a translitteração, dos vocabulos sãoskritos e outros orientaes, accommodada á pronuncia geral portugueza. Por este motivo escrevemos com *x* syllabas em que a consoante é, umas vezes, *s* palatal, outras *s* cacuminal. Assim o entendemos por ser certo que não temos sons cacuminaes em a nossa linguagem fallada; nem ter *ch*, em todo o paiz, o som de sibilante palatal explosiva, dura, que lhe é exclusivo ainda em algumas provincias. E aqui, e por este modo, corrigimos agora a nossa precedentemente usada translitteração. A correção foi-nos aconselhada por um dedicado amigo, e tem, em apoio, o uso dos nossos classicos escriptores, em palavras, como *xara*, em a qual *x* representa o som da sibilante palatal, em mahratta e sãoskrito cujo vocabulo é. *Ch* usaram os nossos classicos, por exemplo em *Chaut*, representando o som da palatal explosiva dura.

¹ Goldstücker, in Chamber's Encycl., s. v. sankhya; ou «Literary Remains» publ. por Reinhold Rost, 1879, vol. 1, pag. 174. Weber. «Indische Lit. Geschichte», 2.^a ed., pag. 252-254.

² Weber. «Ind. Lit. Geschichte», 2.^a ed., pag. 253, n. 248, pag. 254, n. 250.

³ Barth. «Rel. de l'Inde», pag. 50.

⁴ Cf. P. Régnaud. «Matériaux p. servir à l'hist. de la philosophie dans l'Inde» fasc. 1.^o, passim.

tico geral d'esta philosophia é a meditação em opposição ás obras, isto é, ás praticas sacrificiaes, á liturgia da classe sacerdotal.

É certo que, entre os Áryas, já antes d'elles entrarem no Hindustão, havia a especulação philosophica. Dos hymnos védicos se colhem textos philosophicos evidentemente anteriores á constituição das castas, e até mesmo, julgo, anteriores á divisão em classes. É provavel que a tendencia manifesta nos hymnos a opporem-se cada vez mais as concepções ritualisticas ás concepções, digamos, philosophicas, proviesse de em diferentes logares do Hindustão, pelo menos, ter prevalecido um modo de concepção excluindo-se outro que prevaleceria em logar diverso. Mas ao passo que as necessidades sociaes obrigaram a separarem-se a classe guerreira e a classe sacerdotal; ao passo que o chefe da casa, o paterfamilias, perdendo o seu culto domestico absorvido pelo culto que se ia tornando commum, entregava ao cuidado de um intermedio a pratica das suas relações com a divindade; o sacrificio foi o ponto de apoio dos Bráhmânes e ficou o unico meio de comunicação com os deuses, de que o paterfamilias tinha a solicitar a prosperidade para todas as suas acções. E depois d'isto a classe passou a casta propriamente dita; e a casta bráhmânica assentou as pretensões de superioridade sobre origem divina.

Os *mantras*, isto é — as *ritches*, os versos dos hymnos, os hymnos adequados a tal ou tal pretensão — e as obras, isto é, a execução rigorosa, em todos os pormenores e minudencias, do sacrificio, eram os unicos instrumentos para obter o fructo da devoção. O mundo era sustentado pelo sacrificio; o curso dos astros, os phenomenos periodicos do universo, eram considerados como resultado do sacrificio; o fogo sagrado, o fogo do altar ficou imagem do sol; a ordem cosmica, emfim, ficou explicada pela ordem liturgica inalteravel¹.

A par d'esta concepção levanta-se a especulação sobre a união intellectual dos seres no ser universal, por meio da *sciencia*, fim supremo do homem, que o conduz ao fim ultimo — a absorpção.

A *sciencia* é para estes pensadores o conhecimento do *átman* — o conhecimento do homem em si e separado de tudo que não é elle; e secundariamente — o conhecimento do *avyaktam*, infinito, e do *vyaktam*, finito.

Nárada, vae um dia ter com Sanatkumára, e diz-lhe:

— «Instrue-me, ó veneravel!»

Sanatkumára respondeu-lhe:

— «Dize-me o que sabes, e eu te farei saber o que está acima.»

Nárada enumera-lhe o que estudou: os Vedas, o Veda dos Vedas (isto é, a grammatica que os Hindús estudavam como *fim* e não *meio*), a arte magica, e outras cousas; e finalmente diz-lhe:

— «Ó veneravel, conheço os *mantras*, mas não conheço o *átman*; e ouvi dizer que aquelle que conhecer o *átman* passa para alem das afflicções e dos pezares, com a ajuda de um homem como tu! Eu sinto-me afflicto, passa-me tu para a outra margem!»

— «O Rigveda, o Yadjurveda, o Veda dos Vedas, e tudo o que estudaste — diz-lhe Sanatkumára, não são mais do que nomes²!»

¹ *Bergaigne*. «Rel. védique», vol. I, pag. 139, e pag. 32.

² Consulte-se *Régnaud*. O. c. fasc. I, pag. 68.

Este dialogo mostra quanto a classe sacerdotal se inquietava com a philosophia dos que meditavam no *átman* e ensinavam a doutrina opposta ás obras, ao culto tradicional. Esta opposição é manifesta nas Upanixadas. «A ponte que d'este mundo leva á immortalidade, diz a Upanixada *Mundaka*, é o conhecimento do *átman*; tudo mais é inutil¹.» Todavia acceta-se o sacrificio como obra preparatoria, da qual o homem, que deseja chegar á absorpção, deve libertar-se; porque se é a melhor das obras é comtudo obra, e por consequencia-o fructo d'ella prejudicial ao desprendimento das cadeias da vida pelas quaes, successivamente, vae passando a alma no decorrer das transmigrações.

A orthodoxia védica tinha-se tornado, já anteriormente ás Upanixadas, ritualistica, formal, regulada, adstricta á pratica tradicional. Para os homens que não conheciam essas praticas, ou aos quaes não era dado executal-as, e tinham ocios para meditem em o porquê das cousas, e cuidarem de resolver os eternos problemas, a observação dos phenomenos, de que a vida parece depender, suggeria a explicação do mundo por fórnna diversa da que os Bráhmânes entre si ensinavam. Os Bráhmânes, porém, que não tinham a seu cargo o cuidado da salvação das almas, antes nunca apostolaram com fervor, se não eram contrarios a todo apostolado fóra de um proselytismo restricto, intimo, que as Upanixadas nos revelam, não se oppunham ás especulações philosophicas, e de certo modo até as auxiliavam. A este auxilio devemos talvez mesmo a confusão de systemas philosophicos, porque na India ha separação de homens e confusão de tudo quanto os possa unir.

A classe, depois casta guerreira, os reis, foram os principaes especuladores em philosophia, oppondo sempre ás obras, a que na litteratura védica se chama *karma-kánda*, a meditação e a especulação mental, a que na litteratura védica se chama *djnhána-kánda*. Esta opposição do sacrificio e da meditação é evidente, e ao mesmo tempo ambas as concepções igualmente orthodoxas: que em livros sagrados se ensina, em uns que o principio primordial dos seres é o *manas* «pensamento», noutros o sacrificio. Mais tarde uma escola, a de *Prabhákara* chega a negar a qualidade de Veda, isto é, de revelação, ao *djnhána-kánda*—parte da litteratura védica cuja doutrina é esoterica, opposta á que trata do *karman* ou obras—e nega ainda esse character a tudo quanto não se referê directamente ao culto².

O ponto de origem da nova explicação é a concepção do *átman*. *Átman* «sôpro», πνεύμα, *anima*, ψυχή, *spiritus*, são vocabulos que nos revelam idéa commum. A theoria do *átman*, a sua evolução e as suas consequencias, porem, são exclusivamente hindús.

Átman é, para estes protestantes contra o ritualismo, mas theósophos apesar de tudo, o principio incorporeo da existencia; é o agente primordial dos phenomenos intellectuaes e dos de vida de relação. *Átman* é o *ipse em cada um e em a natureza*, ou, empregando com certo direito a linguagem moderna e occidental, o EU *universal*, e o EU *individual*. *Átman*, considerado de um modo abstracto, é, diz Régnaud³: «l'être

¹ II., pag. 2, 5; Cf. Bhagavad Guitá, xviii, 66.

² Barth. O. c., pag. 44, n. 3; e pag. 49.

³ O. c., fasc. I, pag. 106.

universel comprenant en soi le sujet et l'objet réunis sous une forme identique»; e considerado na sua relação com o mundo sensível é «la conscience et l'agent, la matrice et le tombeau de la nature, ou de l'ensemble des modes matériels de l'être qu'il émet, résorbe, concentre, coordonne et anime», é «la suppression, non-seulement de toute mythologie, mais de tout anthropomorphisme matériel ou intellectuel, ou du fait d'attribuer à Dieu la forme et les sentiments humains». E com effeito o *átman*, diz uma das Upanixadas, «não é isto nem aquillo; inapprehensível porque não póde ser tocado, indivisível porque não póde ser separado em partes, independente porque nada o póde combinar a si, sem nada que o enlace, não soffre nem morre¹».

A ser verdadeiramente logico, quem accitasse esta doutrina havia necessariamente de conceber o ser universal como absolutamente inalteravel e permanente, destituído de qualquer attributo material e o que mais é, inintelligente e sem consciencia, e portanto sem bondade nem paixão, que ambas estas qualidades são resultados da vontade activa².

Este ser assim isolado, intangível, em que o homem devia absorver-se para libertar-se das successivas transmigrações pelas quaes se sustenta a continuação do mal pelas obras; este ser em que vão terminar, aniquilar-se, desaparecer todas as manifestações materiaes e da consciencia individual, não está longe da concepção buddhica do *nirvána*.

O espirito hindú segue todas as conclusões de um principio estabelecido, até ao extremo. O nosso progresso europeu não provem senão da feliz inconsequencia de que somos dotados em materia religiosa. O espirito hindú seguiu no seu desenvolvimento social o andamento que, de conclusões em conclusões, levou, a partir do principio estabelecido, a concepção do *átman*. Não comprehendeu nunca o Hindú respeito pela dignidade humana, a sua concepção de familia é toda anti-social; e do corpo colectivo não comprehendeu nada acima da casta. As unicas luctas em que se empenhou a casta guerreira foram luctas contra os Bráhmânes, mas sempre sem alcance social previsto pelos revolucionarios, a que nem ousámos chamar reformadores.

Os nomes mais notaveis que a tradição nos conserva são os de *Vicvamitra*, *Djanaka*, e *Siddhárta o Gautama*, ou *Xákya-Muni o Buddha*³. Foram elles que primeiro pozeram, em frente da religião a sciencia, em frente da tradição a especulação, em lucta com a fé a rasão⁴. Notemos aqui quanto estas expressões são relativas. Lembremo-nos de que sciencia propriamente dita nunca existiu na India, e de que á tradição só devemos antepor a critica, á fé a demonstração; e assim olharemos com sympathia ou pelo menos inclinar-nos-hemos, testemunhando a humildade da nossa natureza, ante os grandes absurdos do passado. Tiremos d'elles lição para evitarmos alguns no presente.

¹ Veja-se *Régnaud*, O. c., fasc. 1, pag. 128.

² Veja-se *Régnaud*, *ut supra* e *Barthélemy St. Hilaire*. «Premier mémoire sur le *sánkhya*», pag. 314.

³ Veja-se *Haug*. «Brahma und die Brahmanen», pag. 15-25. *P. Régnaud*, O. c. pag. 64-66.

⁴ *Weber*. «Ind. Lit. Geschichte», 2.^a ed., pag. 309.

A philosophia sánkhya accitou como consequencia do que fica dito — a eternidade da materia, e a extincção final do ente; e explicou as cousas, as manifestações materiaes, corporeas, e os phenomenos mechanicos, pela existencia de cinco principios imponderaveis de que são manifestações os cinco elementos ponderaveis, terra, agua, ar, fogo, e ainda espaço ou fluido ethereo. Considerou a materia eterna, affirmou que de nada nada se tira¹, e não especulou portanto sobre a natureza de um creador nem de um ser regulador das cousas do universo.

Não é este, porem, o defeito que notaremos na philosophia sánkhya. Se todos os philosophos seguissem o preceito magnifico da Kena-Upaixada, quando diz que: «O verdadeiro conhecimento do espirito supremo consiste na consciencia que o homem adquire da incapacidade para o comprehender, por isso que a intelligencia humana só póde comprehender os objectos finitos e não o que é infinito» — o homem teria realiado mais obras com menos orgulho e não se teria contentado com palavras insuflado de vaidades. O grande defeito da philosophia sánkhya é a sua moral negativa, pela sua propria tendencia ascetica, pela renúncia das obras, e portanto pelo seu caracter de egoista abstenção. Podemos dizer que para os discipulos d'esta doutrina não havia que procurar-se o bem; para elles o bem consiste em evitar todo mal. O verdadeiro sabio, o *viduán* dos Hindús, como o *sophos* e o *sapiens* dos estoicos, é o que chegou á impassibilidade absoluta. Mas os discipulos de Zenão, quasi todos, os primeiros, asiaticos, não tiveram na Europa continuadores cujo caracter fosse o indiano.

Uma das causas da decadencia da civilização hindú, e essa por motivo da sua extrema consequencia religiosa, é a falta de personalidade, de individualidade, o que obsta a toda dignidade propria. Outra causa foi a existencia de livros sagrados que na India mantinham o dogma. A Grecia não teve Biblia. Os philosophos gregos não tiveram que lutar contra a religião preocupada com a salvação do homem; e á sua philosophia não se oppunha nem dogma revelado nem livro que o mantivesse. Não os enredava um sem numero de minudencias ritualisticas, não os detinha o symbolo guardado por casta sacerdotal. Antes Aristoteles, discipulo de Platão, não diz nada da immortalidade. É assim a philosophia grega: quando não chega a contestar a vida ulterior do homem, esquece-se d'ella, porque o espirito grego expande-se ante a magnificencia do mundo terrestre e gosa das bellezas da vida que o captivam. Aristoteles notava que o amor da vida não tinha outro mobil senão a propria vida², e entende que este instincto levado até á paixão é uma das perfeições da humanidade.

A apathia dos estoicos não é exactamente a impassibilidade hindú. Já está modificada a idéa, porque se lhe oppõe o poder da vontade. O estoico não tem apathia senão por equanimidade, serenidade; e possui, alem d'isso, a altiva independencia, a ponto que se o dualismo do proprio Aristoteles na sua concepção de Deus transcendente e do mundo movido pelo impulso d'este Deus é, como diz Lange³, base excellent

¹ Assim como os Gregos disseram οὐδὲν γίνεται ἐκ τοῦ μὴ ὄντος, e os Latinos *ex nihilo nihil fit*, em sânscrito disse-se «na a-vastuno vastu-siddhis». *Kapila*. I, aph. 78.

² Politica, I. III, 4, 3. *B. St. Hilaire*.

³ Historia do materialismo, tr. fr., vol. I, pag. 90.

para, alma contricta, o christão da idade média gemer lançado por terra e aspirar á eternidade, o não é todavia para o estoico. Demais, como diz o mesmo Lange, «á liberdade e á audacia do espirito hellenico juntava-se a faculdade innata de tirar consequencias, e enunciar, com precisão e clareza, proposições geraes, fixar com vigor, com segurança, o ponto de partida da investigação, cujos resultados classificava clara e luminosamente; tinham, numa palavra, os gregos o talento de deducção scientifica¹.

O Hindú possuia a mesma faculdade innata de tirar consequencias; mas os seus habitos de discussões de palavras e sobre palavras, não de idéas, os seus estudos favoritos de interpretação por meio de subtilzas, e de grammatica como sciencia, não como instrumento de linguagem educada, deram-lhe o vicio da prolixidade, das repetições estereis; e elle só produziu a grandeza no volume.

Vieram á Grecia os conhecimentos mathematicos pelo Oriente. Do Oriente recebeu a Grecia o seu alphabeto. Mas em breve a Grecia excedeu Babylonia na astronomia; e, depois de Alexandre, a India, que, muito antes da Grecia, tinha estudado os principios de geometria, astronomia e chronometria necessarios para a edificação dos altares dos seus sacrificios segundo dimensões e fórmulas prescriptas, e para a celebração dos sacrificios em epochas proprias de antemão marcadas, recebeu da Grecia a verdadeira sciencia astronomica², que depois voltou á Europa por intermedio dos Arabes.

O uso da mathematica dava á Grecia, em tempos tão remotos como o do alvorecer do seu philosophar de escola, o elemento bastante para a salvar do mysticismo hindú. A associação pythagorica sobretudo, a escola italiana, cujo character era mais de austeridade religiosa do que de serenidade philosophica, teria caído nos extremos do mysticismo dos Yogues, se o estudo das mathematicas e das sciencias physicas e naturaes, como era então possível fazel-o, não fosse levado pelos seus membros ao grau a que a Grecia não chegou antes do periodo alexandrino.

Os principios da escola de Pythagoras, e ainda os de Platão, eram, como na doutrina sánkhya, libertar o espirito dos estorvos que lhe tolham o levantar-se á contemplação da verdade immutavel, arrancando-o a toda paixão humana resultado da communicação com os objectos sensiveis. Conseguia-se este fim pela meditação e contemplação do mundo da intelligencia.

Os seguidores de Pythagoras, e Ocellus em particular, distinguem como partes do mundo, o céu, a terra, e o espaço entre ambos a que denominaram *μετάσσιον και άέρειον*; entre os Hindús estas partes do mundo eram *suar* «ceu», *bhú* «terra», *antariksha* «o transparente», a que também chamavam *ákásha* «ether». Para uns e outros o céu era a morada dos deuses, a terra a dos homens, e o espaço intermedio a dos seres espirituaes, invisiveis e maleficos contra os quaes os Vedas ensinam exconjuros. Para uns e outros d'estes philosophos havia a distinguir-se

¹ O. c., vol. I, 6.

² Consulte-se *Weber*. «Ind. Lit. Gesch.», 2.^a ed., pag. 264 e seg., e principalmente pag. 272 e seg.

entre *orgãos materiaes* e *alma, manas, Ψυχή, djivátman, ὄψιν*. Pythagoras julgava que a alma era revestida de um involucre ethereo ao qual ainda envolvia o corpo externo, o verdadeiramente material. Assim tambem a philosophia sánkhya nos doutrina sobre a existencia do atomico *linga-xaríra* ou *súkama-xaríra*, que excede ao vento em subtilidade e é incoercível, e sobre o *sthíla-xaríra* o corpo grosseiro, material, mortal, que envolve aquelle e é o exterior da fórma animada. Era commum ainda á philosophia hindú e á pythagorica o ponto característico da metempsychose.

A doutrina da transmigração e da metempsychose é um resultado do principio commum aos philosophos hindús e pythagoricos, das *qualidades oppostas* — o *duandua* dos hindús, a *dyade* de Pythagoras, indefinida e origem de todo mal. Para uns e outros é preciso evitar o *duandua*, a *dyade*, a dualidade; o que é preciso conseguir é o desapparecimento das qualidades oppostas, fazer com que morto o *sthíla-xaríra*, o corpo grosseiro, não entre noutro o corpo subtil e incoercível o *linga xaríra*, e se absorva em o ser absoluto.

Weber, que ninguém póde accusar de querer achar relações exageradas entre as doutrinas da antiguidade classica e as da sãoskritica, nota a connexão com referencia aos cinco elementos e á metempsychose.

Devemos distinguir entre a origem da idéa de transmigração e a origem da idéa de vida alem do tumulo. A origem d'esta idéa encontra-se em tres factos pelo menos: em a concepção do fôlego que os seres vivos tiravam da atmospheria e para ella voltava quando elles morriam, na explicação dos sonhos com os mortos, e na ignorancia da morte, isto é, na explicação da paralysação dos phenomenos mechanicos á qual denominámos morte, como um estado de repouso, pela ausencia do fôlego, do duplo, explicação da morte emfim como um estado de vida.

Na India a concepção do *átman* é ao principio toda material. Este *átman* é um verdadeiro corpo, um duplo. Tal concepção foi por um lado origem do mytho da séde dos mortos no espaço entre o céu e a terra, por outro lado o germen mythologico da doutrina védantica da absorpção no ser universal. O desenvolvimento mythologico é peculiar de um povo ou de povos cuja evolução é semelhante quer por affinidades ethnicas quer por influencias identicas climatericas e outras. Mas a base d'esse desenvolvimento é por vezes commum a todos os povos. Está neste caso a concepção do fôlego, a explicação dos sonhos, e ainda a idéa de que os mortos tẽem necessidades como os vivos. São paragraphos da psychologia geral da humanidade. O Árya hindú pede á terra que abra o seu seio e receba o morto envolvendo-o brandamente, com amor «qual mãe nas pregas do vestido ao filho que estre-mece¹». Este modo de pensar ainda hoje está expresso na fórmula «a terra lhe seja leve» que a antiguidade classica consagrara e nos transmittiu².

Da idéa de vida para alem do tumulo, e do amor á vida de que

^{1, 2} Rigveda, x, 18, 11. Cf. Iliada, xxiii, 221; Pausanias, ii, 7, 2; Virgilio, Eneida, iii, 68; Catullo, Ovidio, etc.

falla Aristoteles, do amor de reproducção e continuidade, de saber-se o homem perpetuado, proveiu a idéa de immortalidade, toda activa e rica de personalidade, de nobre altivez. Pelo contrario da idéa de transmigração nasceu a de absorpção, idéa inactiva, stulta, indigna, deshonra da humanidade. O Hindú nunca foi além da idéa de «não morrer»; não comprehendeu nunca a immortalidade como nós a comprehendemos. É por isto que, na India, o Arya perdeu, toda, a consciencia individual, e hindú nunca possuiu o sentimento de personalidade; nelle extinguiu-se toda a energia de vida moral.

A idéa de immortalidade da alma, ainda mesmo quando não tenha a significação espiritualista moderna, é comtudo testemunho de civilização muito adiantada. O Arya-hindú tendia para a concepção da immortalidade da alma; passou, porem, ou fez uma reversão para a de transmigração. Esta idéa de transmigração encontra-se, geralmente, nas civilizações inferiores. Alem da Índia e do Egypto, existe entre selvagens da Africa e da America¹.

Qual fosse a origem da idéa de transmigração, em geral, não o podemos dizer com aquella segurança que temos para descortinar a de immortalidade². A doutrina de transmigração, tal como os Hindús a formularam, podemos determinar as bases. Mas entre a idéa e a doutrina metaphysica ha um intervallo preenchido por elaborações proprias de uma civilização. A idéa é commum a diversissimos povos e raças. A doutrina é hindú. Podemos resumil-a em breves palavras: *A alma, de sua natureza immorredoura, transmigra emquanto dura o estado a que chamaremos de quéda.*

Esta mesma doutrina é em sümma a doutrina de Platão.

Duas condições são inherentes á alma no estado de *quéda*: separação da alma suprema, ignorancia da identidade da sua natureza com a natureza da alma suprema. O estado beatifico realisa-se pela união da alma separada com a alma suprema; a este estado chega-se quando se adquire a certeza perfeita de que a natureza da alma é a natureza da alma suprema, do *átman* absoluto. Cessando a ignorancia cessa a separação. Mas emquanto a ignorancia existe a alma adapta-se a objectos indignos da sua natureza superior. Esta adaptação é um resultado dos actos praticados. Assim o destino é fructo das acções — doutrina do *karman*, das obras. Mas a alma é immorredoura por virtude da sua propria natureza que ella desconhece, logo os actos succedem-se ainda mesmo depois do desapparecimento do objecto a que ella se adaptou uma vez. D'aqui a serie de destinos, emquanto ella não chega a conhecer a sua propria essencia. A alma por este modo levada pelo *sãosára*, pelo colossal e incessante redemoinho da vida, transmigra — doutrina do *punar-bhava* das existencias successivas.

Comparemos com a doutrina de Platão. Esta resume-se nas seguintes palavras: *ὁμοίωσις τῷ Θεῷ*, isto é, em que a essencia e o fim da elevação do pensamento até Deus, é a assimilação a Deus, porque a alma humana e a Divindade são coessenciaes.

¹ Tylor, Civilizações primitivas, trad. fr.

² Sobre as hypotheses explicativas, consulte-se Tylor, o. c., II, 22, e Barthélemy St. Hilaire. «Premier Mémoire sur le sánkhya», pag. 365.

Na India a doutrina da transmigração estende-se a todos os seres vivos e até á natureza inerte. Na doutrina pythagorica ha a metempsychose, que é a transmigração, o *punar-bhava* limitado ao homem e aos seres animados mais proximos do homem pela organização e pela intelligencia¹. Esta limitação é superioridade, e esta superioridade é um progresso na mesma linha; porque, tanto na doutrina da India como na doutrina pythagorica, a base, não digo a origem, a base doutrinal da necessidade da transmigração é a *dualidade das qualidades oppostas*.

A dualidade, *duandua* dos Hindús, e *dyade* de Pythagoras é concepção artificial, que nada tem de espontaneo, como tem a primitiva concepção do *átman*. Da concepção do fôlego, «espírito», propria á raça árica, ha vestigios na linguagem. Da concepção da *dualidade das qualidades oppostas* não ha vestigios de ser commum. Na Grecia apparece a *dyade* como um enxerto que se fez sem ninguem saber de que tronco viesse o ramo com que se enxertou. O *duandua* tem, todo, o caracter ascetico, e a Grecia não é ascetica, ascetica é a India. O *duandua* é o dogma involvente de toda a India; é de uma sociedade vastissima unida quasi exclusivamente por este laço a que se prendem religiões diversas. A *dyade* é de uma pequena escola no meio de uma sociedade cujo caracter lhe é opposto. A dualidade é theoria nascida da necessidade de sustentar doutrinalmente a opposição entre as obras, isto é—os sacrificios, o culto ritualistico—e a meditação na alma suprema. Assim o vemos na India.

Por consequencia a theoria da metempsychose provem da India, temos direito a conjectural-o.

Alguem tem querido explicar o nome de Pythagoras pelos vocabulos sãoškritos *pitá guru*. É absurdo. Outra hypothese é a de ver em *Pytha* a fórma grega de *Buddha*. O final do nome seria, em tal hypothese, o final commum aos nomes gregos como Anaxagoras, Protagoras, etc. Pythagoras seria pois o vocabulo *buddha* tornado nome proprio e com fórma grega. Esta hypothese é acceitavel, tem pelo menos o merecimento de não ser absurda. Houve muitos *buddhas* antes do *buddha*, de familia, Gautama. Era possivel que o adjectivo chegasse á Grecia com a doutrina que ahi foi a da metempsychose, e se individualisasse o epitheto formando-se o nome á maneira grega.

É aqui o logar de ir ao encontro de uma objecção. Segundo a tradição, Pythagoras nasceu 608 ou 572 annos antes de Christo, e fundou a escola italica de Crotona em 540 ou 532. Segundo a tradição, tambem, Buddha, isto é, o, de familia, Gautama, nasceu no VI seculo antes de Christo, e pelos trabalhos de Cunningham principalmente, bem que já antes o grande Burnouf tivesse citado a passagem que serve de base á descoberta de Cunningham², o *nirvána* ou morte de Buddha era contado em tempo do imperador Axoka de 256 annos passados; o que dá o anno 478 segundo a fixação de Cunningham, ou pelo me-

¹ Barthélemy St. Hilaire. «Prem. Mém. s. le sânkhya», pag. 409.

² Bühler, Three new Edicts of As'ôka, in «Indian Antiquary», VI, pag. 149 e seg., VII e seg. Cunningham, Corpus inscriptionum indicarum, I, 20 e seg. Veja-se Barth, in «Revue de l'Histoire des Religions», I, pag. 253.

nos de 482 a 472 antes de Christo para data da morte do Buddha da familia de Gotama, e tribu dos xákyas, Siddhárta. Ora, este Buddha, a que por excellencia se denomina o Buddha, viveu (segundo a tradição ainda) oitenta annos. Nascêra, pois, em 562 antes de Christo (contando o nirvána em 482). Logo tinha vinte e dois annos quando Pythagoras fundou a escola italica (em 540). É impossivel em taes circumstancias que a doutrina de Siddhárta fosse a base da doutrina de Pythagoras.

A esta objecção responde-se que ninguem demonstrou fosse Pythagoras effectivamente um philosopho da antiguidade; nem tão pouco é certo que o nome de Siddhárta pertencesse de facto ao descendente de Gotama, ou um dos Gautamas, a quem se attribue a fundação do buddhismo indiano. O nome *siddhárta* quer dizer «o que realisoou um intento ou o seu proposito, o seu fim»; é segundo deve deprehender-se um epithetô, que mais parece ter sido dado a quem de facto assegurou a doutrina conhecida pelo nome de *buddhismo*, do que nome proprio d'esse fundador.

Houve, porem, quem assegurasse essa doutrina? Houve, por certo. Houve quem estabelecesse, seculos antes de Axoka, sobre bases estaveis, o buddhismo. Estas bases são muito anteriores a esse fundador. São afirmações especulativas anonymas, porque são a summa de successivas evoluções que se foram dando parallelamente ás bráhmánicas nas raças, ou pelo menos, povos que invadiram a India e ahi se estabeleceram com linguagem e crenças religiosas, cuja elaboração precedente se realisoou áquem do Hindúkos. Antes do denominado Buddha por excellencia, antes d'esse que affirmou, assegurou a doutrina buddhica, houvera no Hindustão, propriamente dito, outros *Buddhas*, isto é, «Dispertos, Illuminados»; e a evolução religiosa posterior, attribuida a um Gautama, foi o coroamento da obra intellectual e de reforma tal, como as Upaixadas nol-a apresentam já, radicada no modo de pensar commum á massa popular e elemento dirigente da consciencia social de uma parte da população hindustanica, em o VI seculo antes de Christo.

* *

As tradições gregas dizem-nos que foi do Oriente que Pythagoras trouxe para a Europa as doutrinas com que elle fundou a escola italica, e que ainda depois se encontram em obras de Platão¹. Em o x livro da *Republica* encontra-se indício precioso para podermos concluir, contra os que ainda hoje pensam ter Pythagoras trazido do Egypto as suas doutrinas, que foi da Asia menor, e de local que ficava no caminho da India, da Armenia como julga Barthélemy Saint-Hilaire², ou de Pamphylia, como podemos suppor da mesma passagem das obras de Platão.

A passagem é importantissima não só pelo que d'ella conclue Saint-Hilaire e fica mencionado, mas ainda pelo character oriental do contexto, opposto ás idéas gregas.

Er, armenio, ou filho de Armenios, e de origem pamphylio, caíra

¹ Veja-se *B. St. Hilaire*. «Prem. Mém. s. le sánkhya,» pag. 409 e seg.

² O. c., pag. 417 *ad finem*.

morto no campo de batalha. Quando vieram levantar os cadáveres, o seu corpo não estava como os outros corrupto. Levaram-no para lhe prestar as honras funebres, e dispozeram-no sobre uma pyra. Elle então resuscita, e conta o que vira no mundo dos mortos.

Até este ponto nada se oppõe ás idéas dos Gregos. Se nos tempos primitivos se enterrava o corpo morto, em Sparta voltando-se-lhe o rosto para o occidente, em Megara voltando-lh'o para o oriente; mais tarde lavava-se o cadaver, e ungia-se com oleos perfumados, envolvia-se em roupas brancas, e ao som de cymbalos e de lyras levavam-no á pyra onde o consumia o fogo alimentado por substancias aromaticas. Em espiraes de chammas e fumo o espirito ascendia e entrava depois nas mysteriosas regiões dos Campos Elysios, ou na região do occidente, onde o sol mergulha no fim de cada dia, se a vida mundana não dava direito a entrar naquella região dos privilegiados. Esta concepção é arica. Outra tinham ainda os Gregos tomada dos Semitas, era a concepção do mundo dos mortos no seio profundissimo da terra, onde o morto continuava a viver nas sombras densas sem sentimento e sem intelligencia¹.

Nenhuma d'estas concepções inspirou a Platão. O mundo dos mortos, de que falla Er, é concepção eraniana. O seu espirito, liberto pela acção das ardentes chammas, chega a um lugar maravilhoso donde vê na terra dois buracos proximos um do outro, e outros dois no céu na direcção d'aquelles. Juizes dos mortos estavam assentados entre essas aberturas e indicavam o caminho a seguir, á sua direita aos justos para subirem ao céu, á esquerda aos maus para descerem á profundidade, levando signaes distinctivos, e a enumeração dos actos condemnaveis. Pela outra abertura do céu desciam os espiritos alegres contando as maravilhas e as delicias da mansão dos justos. Pela outra abertura da terra saíam os espiritos impuros maculados de lama e poentos, carpindo os seus penares e gemendo os males que soffrem nesse lugar de condemnação.

Todas estas idéas são eranianas: a passagem entre o céu e a terra é a ponte *Tchinuat*, estreita para os maus, que d'ella cáem, precipitando-se no infimo *Duzakh*, onde os espiritos malevolos os atormentam. O planalto onde se encontram os espiritos é o monte *Arezura*, onde *Anromainyus* delibera com os outros demonios².

¹ Veja-se, por exemplo, *Tiele(-Vernes)*, «Manuel de l'Hist. des Religions», 224.

² Sobre o inferno persa veja-se *Tiele(-Vernes)*, 187. *Darmesteter*, «Haurvatât et Ameretât», pag. 9. *Harlez*, in *Journal Asiatique*, mars-avril, 1879, 241 e seg. Sobre *Arezura*, veja-se *Harlez*, «Avesta», 1.^a ed., tom. 1, pag. 103.

Sobre a ponte *Tchinuat*, veja-se *Haug*, «Essays on the Parsis», ed. *West*, *passim*.

Harlez, in *Avesta*, vol. 1, pag. 45, 1.^a ed., diz: «... le passage redoutable qui sépare le monde inférieur du séjour de bonheur éternel, c'est le pont *Cinwat*. Là se tiennent Mithra (genio da verdade), Rashnu et Craosha (Raxnu, genio da justiça, e Xraoxa, o que leva os bons), la balance à la main, attendant l'âme qu'amènent les esprits. Les actes de l'âme sont pesés par Rashnu; sort-elle victorieuse de l'épreuve, elle est aussitôt conduite par les Yazatas auprès du trône d'Ahura-Mazda dans la demeure des Amesha-Cpentas (Amexa-Xpentas ou Amexaspentas). Mais si elle est reconnue coupable, elle est aussitôt livrée aux génies infernaux, au déva Vizaresha (Vizarexa) qui la charge de chaînes et l'entraîne dans un lieu de ténèbres et de douleurs.

A ponte *Tchinuat*, a ponte da junção é mytho cujo facto natural é o arco-iris.

A civilização grega, propriamente dita, teve por antecedente a brilhante civilização que se dilatou por toda a costa occidental da Asia menor e foi até Creta. Esta civilização tinha elementos ethnicos diversos; entravam nella elementos phenicios, phrygios e hellenicos, que ainda podemos separar na lenda de Troia. Fallarei d'este assumpto em o artigo immediato, dizendo que raça é a dos Tuháras, povos que se encontram ao alvorecer da civilização árica occidental em contacto com os Áryas do oriente e com os povos da região entre o Tigris e Euphrates, e alem d'estes com os povos do valle do Nilo.

Na Phenicia, anteriormente a Pythagoras ou á epocha por este nome designada, era já conhecida a doutrina da metempsychose pythagorica¹. Mas esta doutrina, baseada sobre o merito e demerito das creaturas, não é analoga á doutrina egypcia da renovação da existencia e transformação, a que erradamente se tem dado o nome de metempsychose egypcia. A absorpção da alma individual, ou separada como dissemos, na alma suprema ou *una*, que Pythagoras promettia como premio da virtude, não é a doutrina egypcia da identificação do morto com Osiris. A doutrina de Pythagoras ensina que a alma passará a habitar outro corpo superior ou inferior na escala animal, não na escala dos seres (doutrina hindú), conforme o merecerem os actos praticados durante a existencia anterior. A doutrina egypcia não é doutrina de metempsychose necessaria, dependente das obras, é doutrina de transformação *voluntaria*.

Toda a mythologia egypcia assenta em dois principios similhantes entre si: as trevas vencidas pela luz, a morte vencida pela vida. Este duplo triumpho é a idéa capital da religião egypcia em todos os seus modos de representação. A victoria da luz triumphante das trevas é representada pelo combate de Rá contra a serpente Apap; a victoria da vida triumphante da morte é representada no mytho de Osiris. Os factos naturaes expressos nos dois mythos capitaes, são: a successão do dia á noite, a successão do vigor da natureza ao seu marasmo periodico, a producção e a esterilidade alternativamente, as estações. Por aquelle segundo triumpho principalmente estabelece-se o ponto de affinidade com a doutrina da resurreição. Esta resurreição é propriamente regresso á vida, e promettida ao *fiel*, *cumpridor da lei*, ao *triumphador*, ao *que tem palavra de verdade*, *maá-kheru* (véridique, dizem os francezes; one whose word is law, diz *Le Page Renouf*²), como bemaventurança.

Devemos consideral-a por tres modos: 1.^o, como existencia readquirida, ou nova existencia; 2.^o, como transformação; 3.^o, como identificação com Osiris.

A renovação da vida traz ao homem as grandezas e as prerogativas da sua natureza perdidas pelo peccado e pela morte. O morto encontra todos os seus membros, conta-os, e vê-se tal como era entre os vivos, com ossos e carnes nas fôrmas em que existiam sobre a terra, e praticando elle todos os actos da sua vida material³.

¹ Veja-se *Maury*. «Hist. des relig. de la Grèce antique», III, pag. 349.

² «Lectures on the Origin and Growth of Religion as illustrated by the Religion of ancient Egypt.», pag. 186.

³ *Le Page Renouf*. O. C., pag. 180. L'abbé *Victor Ancessi*. «Job et l'Égypte, le Rédempteur et la vie future», pag. 210 e seg.

O bemaventurado, porem, não fica subjeito a um logar unico; pôde percorrer o universo inteiro; não fica obrigado a tomar para sempre a fórma humana; pôde tomar a fórma que quizer¹. Para chegar á bemaventurança, o morto não passa por estado nenhum intermedio de expiação para purificar-se. Atravessa apenas certo numero de regiões, recitando certas fórmulas. Se a sentença lhe é favoravel quando elle chega ao Recinto da Lei, fica semelhante a um deus, é identico a Osiris.

A identificação é de certo modo ainda tambem transformação. Assim como Osiris se identifica com outros deuses, assim o morto pôde identificar-se com Rá, Tmu, Seb, Horus ou outras divindades. Se o espirito, a alma de Osiris brilha no céu em Orion, a alma do defunto pôde brilhar numa estrella.

O cadaver na sepultura é como a semente na terra fertil; ambos esperam nas trevas mysteriosas, em silencio, os raios vivificadores do sol que lhes ponha em movimento a seiva. O tumulo é para o Egyptio antigo o berço da nova vida, a terra é para elle, nella sepulto, mãe divina.

Em todas estas concepções não vemos nada semelhante á metempsychose de Pythagoras; vemos, sim, idéas e phrases repetidas por S. Paulo. Se o Egyptio conhecesse e seguisse a doutrina pythagorica, não lhe seria necessario o cuidado do embalsamamento. Mas a munia espera o seu proprio espirito, integra, perfeita, para ouvir com os seus ouvidos, ver com os seus olhos, quando o sôpro divino tornar á vida o corpo inerte, quando o homem, triumphante, tiver vencido as trevas, como *Av*, o sol considerado *carne, materia animal*, e typo das evoluções mysteriosas da substancia organica entre a morte e o regresso á vida².

Nesta serie de concepções em que se considera o dia imagem da vida, e a noite imagem da morte; em que o pôr do sol é o prototipo do termo da existencia terrestre, e o levantar do sol o emblema e testemunho de novo nascimento; ha grande analogia com a serie de concepções védicas da lucta da luz com as trevas, e da concepção de Yama o juiz dos mortos na região mysteriosa e escura, como Osiris na Amenti. Ha ainda no Egypto a concepção de *Má*, representando o bom principio realisado na ordem universal³, como ha na India védica a concepção do bom principio *rita* ou *arta*, de que depende a ordem universal na ordem cosmica, semelhante ainda de certo modo ao bom principio do Eran.

Mas estas concepções symetricas, como quadros que fazem *pendant*, não se correspondem todavia, como parece á primeira vista, se definirmos o que se entende por *bom principio, verdade, ordem*, na India, no Eran, no Egypto.

É possivel que para todos estes centros diversos de grandes civilisações haja um embryão commum. Não ha civilisações independentes absolutamente; ha, porem, principios de evolução social que existem em todo povo. Alem d'estes principios, que mui bem podiam ter dado nascimento á mythologia solar do Egypto independentemente de contacto com outros povos, é certo que existe impossibilidade de explicar

¹ *Le Page Renouf*. «O. C.», pag. 181.

² *Théodule Devéria*. «Catalogue des manuscrits égyptiens... conservés au musée égyptien du Louvre», 1874, pag. 16.

³ *Grébaut*. «Hymne à Ammon-Ra», pag. 28 e 29.

pela lingua nacional do Egypto os nomes de Osiris e de Isis, as figuras mais populares e antigas do pantheon do valle do Nilo. Por outro lado está hoje acceto que a base da civilisação egypcia é protosemita. Na linguagem ha grande numero de radicaes, e affinidades de grammatica, e na mythologia idéas, symbolismo e culto, que apontam para a primitiva civilisação da Asia.

Buscando analogias é preciso investigar tambem as dissimilhanças. São estas dissimilhanças que vão muitas vezes mostrar-nos a falsidade da analogia.

Assim acontece comparando a concepção de *rtá* e *rtavan* da India antiga com a de *axa* e *axavan* do Zoroastrismo. Assim acontece comparando-se *Yama* com *Osiris*. Assim acontece emfim, no caso que ora nos interessa, comparando a doutrina da metempsychose pythagorica com a de transmigração buddhica, e com a de transformação egypcia.

Com respeito a estas, a primeira cousa que devemos fazer é conhecer até que ponto as doutrinas semelhantes mereçam o mesmo nome. Neste estudo de analogias é perigosissima a influencia do nome. Por isto eu darei, á doutrina de Pythagoras exclusivamente, o nome de metempsychose.

Vejam os agora succintamente como pôde originar-se a confusão, por fórma tal que ainda ha poucos annos grandes egyptologos fallavam de metempsychose egypcia, e é hoje commum dar-se como certo ser de origem egypcia a doutrina de Pythagoras.

Os Egypcios, como os Gregos, separavam a alma humana em duas partes ou principios: *νοῦς* «intelligencia», que é *khu* em egypcio, e *ψυχή* «alma material dos sentidos e dos órgãos», que é *ba* em egypcio.

Morto o individuo, o corpo repousa no seu tumulo, dentro do seu caixão, envolto nas tiras que o apertam mumia; a parte mais etherea, subtil, menos tangivel se não immaterial, *khu*, liberta-se; a parte menos subtil, de certo modo material, *ba*, agente responsavel dos actos condemnaveis do morto, vae passar pelas provas e luctas enumeradas e descriptas no *Livro dos Mortos*.

Segundo este *Livro* é a alma intelligente, *khu*, que falla a Osiris e confessa as acções da alma sensitiva, *ba*.

Ao chamamento dos mortos, no dia de juizo, quando *ba* tiver de comparecer perante *Osiris*, o coração baterá de novo e a alma achará o seu caminho (capitulos XXVI a XXIX). Mas antes de ver a face de Deus passará por multiplas provações de que só poderá escapar a alma do justo (capitulos XXX a XLVII e L a LIII).

Se a alma fica absolvida, se *ba* resistiu a toda provação, e não morreu na divina região inferior, se *ba* é *menkh* «perfeita», pôde reunir-se á alma intelligente *khu* (capitulo C) e entrar no corpo, que é o seu *corpo proprio*, ou noutra, como ella quizer, e passar por novas existencias, ao que o *Livro dos Mortos* chama «transformações voluntarias»¹. Pôde então tomar a fórma de differentes animaes, que são representação da divindade em a mythologia egypcia.

¹ Veja-se, por exemplo, o texto mais facil de se ler entré nós, «Le Papyrus funéraire de Soutimés», d'après un exemplaire hiéroglyphique du Livre des Morts appart. à la Biblioth. Nat., reproduit, traduit et commenté, par MM. P. Guéysson et E. Lefébvre, gr. in-fol., 1877, Paris. Ern. Leroux.

Estas transformações, pois, não são mais do que a representação da natureza divina da alma por um symbolo pelo qual se representa a divindade ¹.

Se a alma, *ba*, é condemnavel, se é impia, rebelde, torna-se *cousa immovel* durante milhões de annos (capitulo XCIII), morre segunda vez, para não voltar mais a ver os vivos. É a *segunda morte*, como dizem alguns textos e a Apocalypse ².

Mas antes d'esta segunda morte, a alma intelligente encarregada de amparar a alma sensitiva, e de lhe communicar a sentença, entra nella. Recorda-lhe os conselhos que lhe deu e ella desprezou, fustiga-a com os seus peccados, e atira-a á tempestade dos elementos revoltos de indignação. Batida entre o céu e a terra, a *ba*, acoitase dentro de um corpo humano, a que tortura, flagella e atormenta com doenças e males moraes. O corpo possesso é um doido ou um assassino. Rebelde soffre depois a segunda morte.

A differença entre a doutrina pythagorica da metempsychose, e a doutrina egypcia das transformações é pois evidente. Não encontrarmos no Egypto a doutrina hindú, mostra-nos que, apesar das antigas relações dos Phenicios com a India ³ pagando a Thothmes III tributos que tiravam d'ella já no XVII seculo antes da nossa era, a theoria da transmigração se propagou por outra via. Esta via não podia ser senão a Asia menor.

A Armenia foi povoada desde o seculo VIII antes de Christo por gente árica do ramo eranio ⁴. Os Scythas do Ponto Euxino eram Áryas eranianos ⁵. Seculos antes do esplendor intellectual da Grecia, os habitantes de Mileto e de Epheso, emprehendendo longinquas viagens, realisavam transacções commerciaes, conheciam os costumes e familiarisavam-se com o modo de pensar dos povos mais ao interior. Foi na Asia menor que, por este contacto com estrangeiros, a colonia jonica chegou ao auge da opulencia, acendrou o seu talento artistico e realisou na vida material os mais apurados requintes do luxo.

Lange, que assim o diz ⁶, acrescenta que foi no seio da aristocracia rica, independente, instruida, das colonias gregas, livres das ambiciosas familias sacerdotaes ⁷, que nasceu a philosophia a cujos progressos correspondeu entre os Jonios, em relação frequente com a Phenicia, com a Persia, com o Egypto, o desenvolvimento das mathematicas e das sciencias naturaes ⁸.

A todos estes argumentos vem dar força o que hoje se sabe a respeito de Democrito, tão calumniado, quanto merecedor de respeito pelo

¹ Veja-se *Maspero*. «Histoire ancienne des peuples de l'orient», 3.^a ed., pag. 42, n. 1.

² *Théodule Devéria*. «Catalogue», pag. 35.

³ *Chabas*. «Etudes sur l'antiquité historique, etc.», pag. 120 da 3.^a ed.

⁴ *A. H. Sayce*. «Assyrian Lectures», pag. 44. *Rawlinson's Herodotus*, 1^o, pag. 677.

⁵ *Rawlinson's Herodotus*, III^o, 187 e seg. *Kiepert*. «Lehrbuch der Alten Geographie», 342 e seg. *Revue Critique*, 14 de dezembro de 1878, 375.

⁶ *Histoire du Matérialisme*, trad. *Pommerol*, vol. I, pag. 4.

⁷ *Lange* (-*Pommerol*), o. c., I, pag. 26.

⁸ *Ibidem*, pag. 5. Veja-se em a nota 5, a pag. 444, como Lange defende contra o que possa concluir-se de Zeller, a idéa de que o Oriente foi o iniciador.

seu saber, pela sua modestia, pelo seu desprendimento das cousas do mundo e pela sua moral.

Democrito era da colonia jonica da Thracia, de Abdéra; seu pae era um dos mais ricos cidadãos. Em Abdéra esteve Xerxes acompanhado dos seus Magos. Democrito, moço, intelligente, entusiasta, colleheu então as primeiras luzes da sua instrucção.

Longas viagens, em que elle gastou toda a sua fortuna, nos paizes do oriente, déram-lhe o saber que elle trouxe ao occidente, e de que, parece, tanto se serviu Aristoteles, e tanto recebeu Platão¹.

A idéa de originalidade absoluta para a cultura hellenica é scientificamente inadmissivel. Lewes² diz: «Os factos levam a crer que a aurora do pensar scientifico coincide, na Grecia, com um grande movimento religioso no Oriente». São os povos errantes e dados ao commercio que pelo seu trilhar contínuo de um ponto para outro, batem no solo as estradas distribuidoras das riquezas das terras e das especulações mentaes; são elles que pelo seu curioso instincto e pelo seu espirito communicativo, recolhem, formam em parte, e transmittem as lendas que precedem e de certo modo substituem a historia. Quantas idéas de importação estranha, diz Lange³, se filiam mythicamente em um nome celebre, sem que a posteridade possa jamais ter conhecimento do verdadeiro introductor!

¹ Lange (-Pommerol), I, 10 e seg. e notas respectivas.

² Gesch. d. a. Philosophie, 1871, I, 12, apud Lange.

³ Lange (-Pommerol), I, 5. Lange cita este bello pensamento de Schiller: «O deuses, pertence-vos o negociante», desenvolvido acima. D'esses povos errantes tratarei no proximo artigo.